

ONTEM COMO HOJE, *ELES ERAM MUITOS CAVALOS*: A LITERATURA DILACERADA DE LUIZ RUFFATO

ORO, Vanessa Martinelli¹; CUNHA, João Manuel dos Santos².

¹Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas – da UFPel; integrante do Grupo de Pesquisa “Literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade”; bolsista BIC-FAPERGS 2008-2010; vanessamartinellioro@yahoo.com.br

²Doutor em Letras; professor de Literatura na Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, UFPel; profjoaomanuel@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

Uma das definições propostas por Henry Remak (1994) para Literatura Comparada é a de que ela seria o “estudo das relações entre, por um lado, a literatura e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes [...], a filosofia, a história, as ciências sociais [...], a religião etc” (p.175). Segundo ele, é através dessas relações que podemos ter “uma compreensão melhor e mais completa da literatura como um todo, em vez de um segmento departamental ou vários fragmentos departamentais de literatura isolados” (p.181). Considerando essa assertiva, podemos entender que tais parâmetros teóricos nos levam a compreender melhor o texto literário, possibilitando que melhor nos conheçamos e que nos aproximemos mais da alteridade.

2 METODOLOGIA

Este texto é resumo expandido de ensaio desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa “Literatura brasileira contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, coordenado pelo professor João Manuel dos Santos Cunha. A investigação tem como objetivo analisar a obra de Luiz Ruffato, *eles eram muitos cavalos* (2000), através do método comparatista, levando em conta construções teóricas advindas do campo da Sociologia para mais ampla compreensão da ficção literária. Tais articulações provêm não só da leitura sociológica que fazem críticos literários do texto ficcional, como Antônio Cândido, mas também de pensadores que refletem sobre a sociedade como um conjunto de fatos, causas e consequências, gerados nas relações entre os homens e seu contexto cultural, econômico, político, moral e ético.

3 DISCUSSÃO

No início do século XVIII, já era grande o número de pessoas na Europa que migravam para os centros urbanos, deixando o campo em busca de novas formas de sobrevivência. Com o tempo, a industrialização gerou um crescimento rápido e desordenado das cidades e, com isso, uma série de problemas, repercutindo nas relações sociais. A visão analítica sociológica dessa realidade surge nesse contexto, como uma tentativa de compreender os acontecimentos relacionados à revolução industrial que ocorreram logo após o período, como a nova condição dos trabalhadores, o surgimento das cidades industriais, os avanços tecnológicos, a organização do trabalho nas fábricas e indústrias e a formação de uma estrutura social específica – a sociedade capitalista (LAGO, 2005, p 1-2). Bauman, no livro *O*

mal estar da pós-modernidade (1998), diz que, nessa sociedade, as pessoas vivem em constante busca da pureza, que é uma visão da ordem – cada coisa tem seu lugar específico; se nele não se encontra, torna-se suja, fora do lugar, agente poluidora. Para esse pesquisador, outros seres humanos também são concebidos como um obstáculo para a ordem do ambiente, como “sujeiras”, pois não possuem um “lugar certo”, ficam “fora do lugar” em toda parte em que reina a pureza. Na sociedade pós-moderna, o mercado organiza-se de tal forma que deixa o consumidor sempre insatisfeito, querendo consumir desenfreadamente. A pureza seria essa capacidade ou condição de consumir, e aqueles que não podem assim fazer são considerados “sujeira”, “consumidores falhos”, ou seja, pessoas “incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser ‘indivíduos livres’ conforme o senso de ‘liberdade’ definido em função do poder de escolha do consumidor” (p.24).

Como esses “estranhos” não são capazes de agir conforme o que a sociedade espera deles, e como não são mais fornecedores de mão-de-obra tal como eram antigamente, antes da modernização da indústria, economicamente falando eles são “verdadeiramente *redundantes*, inúteis” e “não existe nenhuma ‘razão nacional’ para sua presença contínua. [...] A única resposta *racional* a essa presença é o esforço sistemático para excluí-los da sociedade ‘normal’” (p.77), como verdadeiras “sujeiras”.

É justamente esse aspecto das relações sociais na contemporaneidade – essa exclusão dos “estranhos” da sociedade pós-moderna – que Luiz Ruffato expõe em seu livro *eles eram muitos cavalos* (2001), em que traça “um mosaico de 69 fragmentos numerados, valendo-se de uma linguagem estilhaçada, buscando representar o caos urbano e humano de uma cidade como São Paulo” (GOMES, p. 135-136). Os paratextos – título e epígrafe – do livro foram retirados de um dos poemas de *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles (1972), intitulado *Romance LXXXIV ou Dos Cavalos da Inconfidência*, no qual a escritora faz uma homenagem aos cavalos que foram utilizados pelos heróis da Inconfidência Mineira e, portanto, desempenharam importante papel nos fatos nela ocorridos.

Dessa forma, Luiz Ruffato, intertextualmente, via construção poética de Meireles, faz uma analogia dos cavalos da Inconfidência de Meireles com os “estranhos” da sociedade de consumo, já que eles desempenham e desempenham um papel fundamental na sociedade, embora não reconhecido. Ao intitular seu livro *eles eram muitos cavalos*, com *eles* em letra minúscula, ao contrário do que é apresentado no poema, Ruffato evidencia a exclusão e minimização desses “consumidores falhos”, principalmente nas grandes cidades brasileiras, que, a partir do final do século XIX, atraíram grande número de trabalhadores que tinham a esperança de nelas melhorar sua qualidade de vida, como é o caso de um dos personagens do livro, um taxista, que conta para um passageiro como foi parar em São Paulo, e diz que não pode reclamar da cidade, “uma mãe pra mim” (p.87).

Mas nem todos tiveram a mesma sorte do taxista na megalópole, como mostra Ruffato, eis que a presença da pobreza, desemprego e violência urbana são constantes no conjunto das narrativas das vidas desses “cavalos” contemporâneos. Há o rapaz que, embora de consciência pesada, resolve assaltar alguém na saída de um caixa eletrônico para comprar um presente de “dia das mães”: “Despretensioso, na hora que a coisa aprumar, persegue emprego decente, limpo de consciência. Mas, por enquanto, não pode a mãe passar necessidade, na cama entrevada, doença indescoberta” (p.42). Já no fragmento 26, intitulado “Fraldas”,

Ruffato nos mostra as injustiças sofridas pelas pessoas das classes mais baixas da sociedade, principalmente se estas forem de pele negra e pobres, como é o caso do homem que é barrado no supermercado:

O segurança, negro agigantado, espadaúdo, impecável dentro do terno preto, abordou discretamente o negro franzino, ossudo, camisa de malha branca surrada calça jeans imundo tênis de solado gasto que empurrava um carrinho-de-supermercado havia cerca de meia hora – cinco pacotes de fraldas descartáveis, uma lata de leite-ninho (p. 55).

O negro franzino tenta se defender, diz que sua mulher recém havia tido um bebê e que estava desempregado, e que pensou então em ir até o supermercado “expor ao público a situação, alguém, quem sabe?, se disporia a pagar, coisa pouca, o dinheiro voltaria, nota sobre nota, assim que arrumasse colocação” (p.56), mas já para o chefe de segurança do supermercado,

Esse pessoal... sempre a mesma história... É tudo gente boa... Honesto... trabalhador... Sabe por que o desespero dele? Heim? É porque deve ter uma ficha destamanho na polícia... Olha, cara, se tem uma coisa que eu conheço é malandro... vagabundo... Conheço pelo cheiro... Se conheço! (p.56).

Tem-se em evidência aqui justamente o que Bauman aponta em seu livro *O mal-estar da pós-modernidade*:

Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime; empobrecer, como o produto de predisposições ou intenções criminosas – abuso de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado (2001, p.59).

Segundo ele, torna-se muito mais fácil para o estado e a sociedade em geral excluírem esses “estranhos”, eliminarem essa “sujeira”, já que estas pessoas somente são bem-vindas ao mundo daqueles que podem pagar por seus serviços e/ou estabelecer com eles uma relação de domínio. Para a classe média, eles representam medo e perigo, e a violência urbana é um tema constante em *eles eram muitos cavalos*, sucessão de fragmentos narrativos nos quais Ruffato dá voz a diversos personagens inconformados com a situação de extrema desigualdade na sociedade brasileira.

A violência que Ruffato mostra, entretanto, não é típica apenas de uma metrópole como São Paulo, mas está presente no dia-a-dia das grandes, médias e pequenas cidades brasileiras. Dessa forma, através da junção de *closes* rápidos da vida de pessoas marginalizadas, ou seja, por meio de um processo de acumulação, Ruffato consegue criar um panorama da vida nas grandes cidades, *mostrando*, e não *contando*, a degradação urbana (Hossne, 2007), pois “tudo acontece como se fosse ao vivo [...], como se o autor se limitasse a registrar objetivamente os ‘fatos significativos’ [...] sem intervenção da sua subjetividade” (MACEDO, 2007: p. 53). Por meio dessa leitura, *eles eram muitos cavalos* pode ser considerado como um mosaico verbal, no qual, ainda que abrangendo a heterogeneidade da vida urbana, cada indivíduo adquire relevância, contribuindo para a composição de um painel que possibilitará uma panorâmica da sociedade como um todo, afinal esta é justamente formada pela ligação existente entre os indivíduos que a compõem.

4 CONCLUSÃO

Ruffato foi capaz de construir, por meio de recortes no tecido social brasileiro da contemporaneidade, um panorama de uma das maiores cidades do país em apenas um dia, no último ano do século XX, apontando, assim, o que viria no século XXI. A cada capítulo, ou fragmento, um *close* rápido em um episódio da vida de alguém, o ritmo do texto correspondendo ao ritmo da cidade: na mãe solteira e seus três filhos que vivem em uma casa rodeados de ratos; na professora e crianças que encontram a escola destruída por marginais; no índio que limpava um boteco para ganhar comida; no homem que foi a dez entrevistas de emprego em dois meses; no velho que apanha do filho drogado; na menina que sonhava em ser médica para ajudar os semelhantes; na prostituta que é maltratada por drogados, entre tantos outros casos de pessoas comuns que, como diz Bauman, são “pessoas incapazes de escolher com quem elas se encontram e por quanto tempo, ou de pagar para ter suas escolhas respeitadas; pessoas sem poder, experimentando o mundo como uma armadilha, não como um parque de diversões” (p.41).

Através da apresentação fragmentada, mas intensa e representativa, da vida de indivíduos que compõem a sociedade contemporânea, Ruffato coloca em evidência aos olhos do leitor a marginalização social, a injustiça e o “pré-conceito” correntes no mundo globalizado, dominado por relações de poder econômico, político e cultural discriminatórias e ainda vinculadas a práticas sociais fincadas em centenária injustiça social. Hoje, como ontem, os homens, à margem da sociedade de consumo, ainda “são muitos cavalos”. Ao inventar, assim, seu mundo ficcional dilacerado, ele reforça seu engajamento a uma literatura que visa não apenas ao entretenimento, mas que também é pensada como meio de possibilitar reflexão consequente, que possa colocar seus leitores na via do entendimento.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- GOMES, Renato Cordeiro. Móviles urbanos: eles eram muitos... IN: HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). *Uma cidade em camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. São Paulo: Editora Horizonte, 2007.
- HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. IN: HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). *Uma cidade em camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. São Paulo: Editora Horizonte, 2007.
- LAGO, João. *Sociologia I – Módulo de Educação a Distância*. Ed. Da Universidade Tiradentes. Aracaju, Sergipe. 2005.
- MACEDO, Helder. Um livro que exacerba. IN: HARRISON, Marguerite Itamar (Org.). *Uma cidade em camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. São Paulo: Editora Horizonte, 2007.
- MEIRELES, Cecília. Romancero da Inconfidência. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.
- REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. IN: COUTINHO, Eduardo F; CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. Textos fundadores. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.
- RUFFATO, Luiz. *eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.